

CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)

APRESENTAÇÃO - A PANTACO S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO, tem o prazer de apresentar o Grande Teatro Difusora, oferta gentil aos seus amigos e favorecedores e que todas as terças feiras, neste mesmo horário, está no ar sob a direção e orientação de Roberto Lis.

(Segue-se o anúncio da Pantaco S.A.)

(Ao final do anúncio, novamente a característica)

ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS, sob o alto patrocínio da PANTACO S.A. Indústria e Comércio, apresentam... (Sóbe a característica por momentos)

NEM O SOL ME AQUECEU!... (Sóbe novamente a característica por alguns momentos).

O trecho da peça que dentro em pouco vai ser apresentada aos nossos ouvintes, deve-o Roberto Lis à sua esposa que foi quem o sugeriu, prestando, assim, de maneira brilhante, o seu concurso ao Grande Teatro Difusora e a sua homenagem a todas as mães que derramando o seu suor e o seu sangue pelos filhos estremecidos, deles não tiveram, sequer, a recompensa do seu carinho. (Sóbe mais uma vez a característica por alguns momentos)

NEM O SOL ME AQUECEU tem a seguinte distribuição:

Nena.....	Maria do Céu
Luiza.....	Lília Maria
Selma.....	Nina Rosa
Marina.....	Luiza Nazareth
Armando.....	Otavo Engel
Filinto.....	Claudio Real
Padre Teotônio.....	Roberto Lis
Odete.....	Conceição Pereira
Antonia.....	<del>Maria da La Sierra</del> <i>Nina Rosa</i>
Irmão Pedro.....	Mário Hornes
Paulo aos 10 anos.....	Pitágoras
Paulo depois de homem.....	Carlos Moré

Os ruídos de estúdio estão a cargo de Emilie Bello, sendo responsável pela sonofonia Élio Machado.

(Sóbe, ainda uma vez, a característica, baixando, depois, aos poucos, até desaparecer).

- Luiza - Cuidado, Nena, você vai cair dessa janela e vai se machucar. Desça daí.
- Nena - Tu não tens nada com isto. Não quero descer não desço.
- Luiza - Não faça assim, Nena. É tão feio uma menina responder desta forma. Desça daí, não seja teimosa.
- Nena - Já disse que não desço e não desço. Tu não tens nada com isto, tu não és minha mãe.
- Luiza - Não sou sua mãe mas sou sua irmã mais velha e tenho o direito de lhe chamar a atenção quando você faz travessuras. Desça daí, não faça assim.
- ~~Nena~~  
Nena - Não desço, já disse. (gritando) Mãe, olha aqui a Luiza implicando comigo
- Selma - (de longe, gritando) Deixe a menina, Luiza. Parece mentira que você, uma marmanjona, tenha a coragem de implicar com a pequena.
- Nena - Tá aí, bem feito, bem feito e bem feito.
- Luiza - Que feio, você pensa que é muito bonito o que você está fazendo?
- Nena - Eu faço o que eu quiser e tu não tens nada com isto, pronto.
- Luiza - Está bem, Nena, faça o que você quiser mas depois se acontecer do você levar um tombo e se machucar não chame por mim, como é seu costume porque eu não lhe atendo.

- Nena - Não amola, sabe Luiza? (gritando) Mamãe, olha a Luiza implicando outra vez, mamãe! (Ruído de quebrar um vidro).
- Luiza - Está aí, viu o que você fez? Quebrou o vidro da janela. E podia até ter-se cortado. (Passos que se aproximam, rápidos) Deixe ver o seu braço.
- Selma - (aproximando-se) O que foi isso lá aí. O que é que vocês quebraram?
- Nena - Foi a Luiza que quebrou o vidro da janela, mamãe.
- Selma - Será possível, Luiza, que você não corrija os seus modos de moleque indisciplinado? Será possível que você não tome jeito?
- Luiza - Não fui eu, nada, mamãe, não acredite.
- Nena - Foi ela, sim, mamãe, foi ela. Por Deus Nosso Senhor.
- Luiza - Que horror, Nena! Você não tem medo de um castigo, jurando falso?
- Nena - Foi você, sim. Você que me puxou pelo braço, com toda a força, e eu bati com o cotovelo no vidro.
- Luiza - Mas Nena!... Que horror, como você é, Nena!... Eu nem toquei em você!
- Selma - A menina não ia inventar uma coisa destas se você não tivesse feito. E o resultado aí está. Um vidro quebrado e uma despesa mais a fazer.
- Luiza - Mamãe, juro-lhe, pelo que existe de mais sagrado, como Nena não lhe disse a verdade. Eu nem sequer cheguei perto dela. Apenas estava pedindo a ela que descesse da janela com receio que ela levasse um tombo e se machucasse.
- Nena - Nogenta, mentirosa. Vê o meu braço, mamãe, como está todo roxo dos puxões que ela me deu.
- Selma - Eu sei, minha filha. Eu conheço bem esse bicho de concha. É das tais que dá o tapa e esconde a mão. Mas você não pense que isto vai ficar assim, não. O dinheiro que eu ia lhe dar para você botar meia sola nos seus sapatos é o que vou pagar ao vidraceiro para colocar outro vidro e você, por castigo, vai ficar mais um mez com a sola do sapato pendurada. (Passos que se af.)
- Nena - Está aí, bem feito. Quem manda você se meter comigo? Você já sabe que sai sempre perdendo. Bem feito, Bem feito e bem feito.

(CORTINA MUSICAL)

- Marina - Puxa que você é incorrigível, hein? Não venha fazendo essa cara de santa pra o meu lado porque não pega, não. Eu já lhe conheço muito bem. Eu estou cansada de lhe dizer que você não tem nada que chegar na porta quando eu estou conversando com o Gilberto. Você chega eu sei bem para que é.
- Luiza - Meu Deus, Marina, que tolice a sua. Eu fui espiar se o armazem ainda estava aberto que eu não tinha pedra para ariar o fogão.
- Marina - Eu sei. Eu conheço os seus golpes mas para o meu lado eu já lhe disse que eles não pegam. Você foi unicamente para que o Gilberto lhe visse.
- Luiza - Deste jeito que estou? Completamente desarrumada e despenteada? Parece até mentira, Marina, que você tenha a coragem de desconfiar de mim.
- Marina - Pelo fato de você ser minha irmã não quer dizer coisa nenhuma por que eu conheço quantidade de casos das irmãs tirarem os maridos umas das outras, quanto mais os namorados. Você é mais velha do que eu mas não pense que é mais esperta também. Já ante-ontem você fez a mesma coisa por mais de uma vez.
- Luiza - Estava cuidando o leiteiro, Marina.
- Marina - É, ontem era o leiteiro, hoje foi o armazem, amanhã será o padeiro, o verdureiro e as desculpas nunca terão fim para você fazer o que eu já lhe proibi. Você pensa que eu já não percebi os olhares melosos que você atira para o Gilberto? Você pensa que eu sou trouxa e que não vejo as coisas, é?
- Luiza - Que horror, Marina, como você é injusta e desconfiada!

- Marina - Posso ser o que você quiser o que não sou é trouxa. Você precisa conversar com ele quando vai espiar o leiteiro ou o armazem, precisa?
- Luiza - Mas se ele me cumprimenta você acha que eu não devo responder?
- Marina - Não precisa se requebrar nem fazer conversa comprida. (arremedando, exageradamente) "Eu vou bem, obrigadinha e você Gilberto, está bonzinho? Na sua casa vão todos bem?" Apresentada. Bobalhonai! Uma boa assanhada é que você é.
- Luiza - Meu Deus, Marina, que expressões grosseiras! Está bem, não se aborreça que eu não falarei mais com o seu Gilberto. Só assim não me incomodarei com você, ouvindo injustiças que me magoam profundamente.
- Marina - Coitadinha da sensitiva!... As verdades quando são duras magoam sempre. Ela é incapaz de matar uma mosca, a pobresinha, mas podendo avançar no namoro das outras ela não perde tempo. A mamãe é que tem razão quando diz que você é bicho de concha. (passos que se aproximam) É justamente com as que são assim é que a gente precisa ter muito mais cuidado.
- Luiza - Está bem, Marina, eu não falarei mais com o seu namorado mas peço-lhe encarecidamente que botemos um ponto final neste assunto que é muito desagradável para mim.
- Marina - Não parece. Se ele fôsse tão desagradável, como você diz, você não continuaria, todos os dias, a me dar novas razões para reclamar.
- Selma - O que é que ha, minha filha?
- Marina - Ôra o que ha de ser! A mesma coisa de sempre. Quantas vezes já lhe falei? O bicho de concha procurando dar o bote para o meu lado.
- Selma - Aquela historia do Gilberto que você me contou?
- Marina - Justamente. Aquela historia mesmo.
- Selma - Você não sabe que quem não tem vergonha todo o mundo é seu? Ela tem que levar um cartão em cada dia e mesmo assim não adianta porque dez minutos depois ela já nem se lembra mais do que lhe disseram.
- Marina - Eu queria que a senhora visse, um dia, os requebros dela, para não pensar, depois, que eu estou exagerando.
- Selma - Não é preciso, minha filha. Eu conheço muito bem o artigo que tenho em casa para vender.
- Marina - Está muito bem que ela queira se casar, mas que trate de arranjar outro, não é tirar o da gente que a gente teve tanto trabalho de arranjar.
- Selma - Pois quando ela voltar a fazer isto, você peça licença ao Gilberto um momento e venha aqui dentro me dizer que ela vai passar pela vergonha de ser trazida por mim pelos cabelos.
- Luiza - Mas mamãe, eu quero que a senhora acredite...
- Selma - Cale-se. Não preciso que você me diga nada porque eu conheço muito bem a joia que tenho. Você devia envergonhar-se do papel indecente de procurar tirar o namorado de sua irmã.
- Marina - Repare a cara da sonsa, mamãe. Repare, só. É uma vítima a pobresinha! Uma verdadeira vítima!... Segunda edição revista e melhorada da gata borralheira falsificada. Quem não a conhecesse ainda seria capaz de ter pena dela. Mas comigo não, violão. Quem não te conheça que te compre.

(CORTINA MUSICAL)

- Filinto - Nona e Marina não estão?
- Luiza - Saíram com mamãe. Foram à matinê e depois iam visitar dona Leopoldina que está na cama ha tres dias com reumatismo.
- Filinto - Não quizeste ir tambem, filhinha?

- Luiza - Não me convidaram, papai. É mesmo eu não poderia ir porque não tenho sapatos.
- Filinto- O mês passado dei dinheiro à tua mãe para que os comprasse.
- Luiza - Eu sei, mas Nena precisava de uma blusa nova para o uniforme... o colegio ia formar na parada...
- Filinto- Bem, mas depois disto eu tornei a dar dinheiro a Selma com o mesmo fim.
- Luiza - Marina precisava de algumas coisas de mais urgencia: baton, verniz de unhas uma rede para os cabelos...
- Filinto- Baton, verniz de unhas e rede para cabelo são coisas de mais urgencia do que os teus sapatos?
- Luiza - Considerando bem talvez que não sejam mas a questão é que mamãe achou que eram. Aliás, papai, eu não desejava me queixar ao senhor, não queria aumentar a sua aflicção mas confesso-lhe que não são poucas as vezes que tenho perguntado a mim mesma por que razão mamãe me trata tão mal.
- Filinto- É que ela é muito nervosa, minha filha, e, naturalmente, como és a mais velha, ela entende que deves ser infalível e então despeja sobre ti toda a sua cólera e o seu mau humor.
- Luiza - Mas a questão é que me acusa constantemente de faltas que não cometi e deixa de acreditar em mim que lhe digo a verdade para crer nas mentiras que Nena e Marina lhe pregam.
- Filinto- Isto acontece em todas as casas onde ha muitas irmãs, minha filha. Sempre ha uma que é a preferida e outra que menos aquinhoada.
- Luiza - Mas a verdade é que eu nunca vi mãe alguma tratar tão mal a uma filha como mamãe a mim. Muitas vezes chego a ficar admirada de que o senhor não perceba. Se ao menos existisse qualquer razão eu não me magoaria tanto.
- Filinto- Pois então, minha filha, se assim é, ouve o que te vou ~~dizer~~ contar: existe, sim, uma razão que nunca te quiz dizer e que agora o vou fazer em carater confidencial. Você vai fingir que continua a ignorar toda a verdade porque como nunca consenti que ela a revelasse a você, não quero que ela reclame que eu tendo exigido tanto sigilo da parte dela, fôsse depois espontaneamente lhe contar. (Pausa) Você não é filha de Selma.
- Luiza - (pausa) Não me surpreende a sua revelação, meu pai. Eu bem que estava desconfiada disto. Não achava possível que uma mãe maltratasse tanto a uma filha. (Pausa) Diga-me, papai: e minha mãe quem era?
- Filinto- Sua mãe era uma criatura bonissima de quem guardo a mais saudosa lembrança. Foi uma luz que iluminou as trevas da minha vida mas que o céu não permitiu que se mantivesse acesa. (emocionado) Tinha os mesmos cabelos que você, o mesmo sorriso delicado e triste, os mesmos olhos profundos e sonhadores! Era, como você, muito meiga e suave e tinha para cada um que dela se aproximasse, um gesto de carinho e uma palavra amável. Todos que a conheciam queriam-lhe um grande bem. Eu, então, a adorava mais que a tudo! (Pausa) Sua vida extinguiu-se quando a tua despontava. E eu nunca mais tive uma alegria pura nem nunca mais fitei um céu sem návens! Selma apareceu dois anos depois e como o meu maior anjo era retirar-te da orção onde te deixara por força das circunstancias, concordei em casar-me pensando unicamente em te trazer para a minha companhia. Ela havia me prometido que te trataria como filha e realmente ao principio o fez. Toda a nossa infelicidade foi terem nascido logo depois mais duas meninas. Eu bem que já percebera o que sofres dentro desta casa, minha filhinha querida. Nem podia deixar de ter percebido. E ha noites em que o sono me fôge e avanço pelas horas a dentro a pensar numa solução rascavel que te permita uma vida melhor.
- Luiza - Não, papaisinho, não se preocupe por mim. Agora que já sei toda a verdade hei de ter mais resignação para aceitar o destino que a vida me reservou. Juro-lhe que nunca mais o senhor ouvirá dos meus lábios uma queixa!...
- Filinto- Minha filhinha querida!... Tua mãe era assim como tu. Igual, igual!...

Selma - A quem tenho a honra de receber em minha casa?

Armando - Chamo-me Armando Nitre e sou industrial na cidade de Agua Clara.

Selma - Ah, muito bem. Tenho muito prazer em recebê-lo.

Armando - Inicialmente peço que me desculpe de ter vindo assim sem ser acompanhado de alguém que conhecesse a família e pudesse me apresentar...

Selma - Não tem importancia, senhor Armando.

Armando - Bem sei que teria sido muito mais correto. Acontece, porém, que eu aqui apenas conheço uma meia dúzia de comerciantes com quem tenho negócios e a quem venho visitar semanalmente. São homens que não poderiam abandonar as suas casas para me acompanharem numa missão completamente alheia aos seus interesses comerciais.

Selma - Compreendo perfeitamente.

Armando - Foi a razão pela qual eu não tive outro remedio sinão enfrentar sozinho a situação, sem outras credenciais que não fossem o meu nome e a minha profissão.

Selma - Muito bem, mas... em que lhe posso servir?

Armando - Já vou dizer-lhe, senhora. Numa das minhas viagens para cá, eu tive a oportunidade de conhecer, por acaso, a sua filha. Foi até um conhecimento na ~~circumstancia~~ circunstancia s bem interessantes. Eu saia apressadamente da casa de um dos meus freguezes a quem iôra visitar e ao transpor a soleira da porta, na pressa em que ia, esbarrei violentamente numa pessoa. Vendo, de relance, que era uma moça e que ela fatalmente iria cair com a violencia do choque, apressei-me em segurá-la, para evitar a queda. Na minha precipitação, em vez de segurá-la, abracei-a. No mesmo momento, porém, vendo que o perigo havia passado, tratei de libertá-la e com grande surpresa da minha parte, ao lhe pedir desculpas do acontecido, ela em vez de fechar a fisionomia e mostrar o seu desagrado - como qualquer outra teria feito - sorriu para mim e com uma voz muito doce disse-me assim: não tem importancia, não se preocupe. São coisas desagradáveis mas que nos acontecem às vezes. A sua maneira delicada e a sua voz tão meiga foram suficientes para me prender. Nunca mais pude esquecê-la. É a razão porque me encontro aqui.

Selma - E tornou a falar com ela depois disto?

Armando - Não senhora. Nem sequer tornei a avistá-la. É o que se pôde chamar, em verdade, um amor à primeira vista.

Selma - E como pôde saber que moravamos aqui?

Armando - Pela seguinte razão: o esbarrão me deixou tão tonto, tão desnorteado, que eu em vez de seguir para onde me dirigia, voltei novamente para dentro da casa de comercio onde me achava antes. O proprietário, por ventura minha, conhecia sua filha e vendo que eu ficára tão impressionado com a sua maneira distinta e a sua meiguice, disse-me quem era ela e onde morava. E como não pude esquecê-la nestes dois meses que transcorreram depois do facto, venho solicitar a sua permissão de avistar-me com sua filha para procurar confessar-lhe a impressão tão profunda que me causou. E se tivesse a suprema ventura de poder ser correspondido por ela eu lhe solicitaria, no mesmo instante, a sua mão em casamento. Quanto a informações sobre a minha pessoa a senhora ou o seu marido poderão obtê-las em qualquer dos bancos locais ou mesmo com os mais fortes comerciantes da praça com quem estou constantemente em contacto.

Selma - Perfeitamente, senhor Armando. Eu, de minha parte, não tenho nenhuma razão para procurar impedir a sua aproximação de minha filha, uma vez que o senhor se mostra tão bem intencionado. Estou certa, tambem, que meu marido pensará da mesma forma. Agora o mais necessário é saber o que pensa a interessada. Eu vou chamá-la. (chamando) Marina! Minha filha! Tem aqui uma pessoa que deseja falar com você.

Marina - (de dentro) Já vou lá, Mãe.

- Selma - O senhor disse que é industrial em Agua Clara?
- Armando - Sim senhora. Possuo uma fábrica de fumos que herdei de meu pai e que felizmente, nas minhas mãos, tem prosperado bastante. Possuo, além disto, alguns prédios, umas poucas apolices e algum dinheiro em depósito. Não digo isto com a intenção de despertar cobiça em sua filha mas unicamente para mostrar que estou perfeitamente em situação de assumir a responsabilidade de um lar e dar conforto suficiente àquela que for a minha esposa. (Passos que se aproximam)
- Selma - Compreendo perfeitamente, senhor Armando. (transição) Ah minha filha, o senhor Armando, a quem você já deve conhecer de vista, desejava conversar alguns instantes com você.
- Marina - Sim, mamãe. Boa tarde.
- Armando - Boa tarde, senhorita.
- Marina - Mas... o senhor disse à mamãe que eu já o conhecia? Eu não tenho a menor ideia.
- Armando - Perdão, senhorita, eu... eu acho que ha um pequeno equívoco...
- Selma - Minha filha, este senhor é industrial na cidade de Agua Clara e foi aquele que esbarrou contigo uma ocasião na rua...
- Marina - Comigo? Não, mamãe, eu acho que ele está completamente enganado.
- Selma - Contigo, sim, minha filha. Procura recordar-te bem.
- Marina - Não, Mamãe, eu tenho certeza absoluta que não foi comigo.
- Armando - Não, efetivamente não foi com a senhorita. Diga-me uma coisa, minha senhora: a senhora não tem uma outra filha?
- Selma - Tenho a Nena, mas essa é uma menina ainda. Tem doze anos, apenas.
- Marina - Quem sabe foi com a Luiza, mamãe?
- Armando - Luiza, justamente. Foi esse o nome que me disseram, mas quando a senhora falou em Marina eu pensei que pudesse ter havido engano da pessoa que me informou.
- Selma - Ah, bem, mas... mas Luiza não é minha filha. É uma agregada da casa. Nós a recolhemos por caridade mas nem sequer sabemos quem são os seus verdadeiros pais. Não é casamento para um homem da sua posição.
- Armando - Em todo o caso eu lhe peço permissão para falar com ela.
- Selma - Está bem. Vai chamá-la, minha filha. Diga-lhe que venha assim mesmo como está para não fazer o senhor Armando esperar mais. (Passos que se afastam) Se não lhe faço esta recomendação ela não sai do espelho antes de duas horas. Dá-se um fenômeno muito interessante com essa menina. Em casa anda sempre mal cuidada, não penteia os cabelos, não se arruma, sempre com o vestido mais velho e mais descorado que possui. É bastante, porém, sabe r que vai avistar-se com um rapaz para ficar duas horas em frente do espelho. Chega a exgotar a paciência a um santo. As minhas brigas com ela, aqui em casa, são sempre por causa do seu relaxamento. O senhor compreende... da maneira que ela anda os vizinhos poderão pensar que não lhe damos roupa. E no entanto tem quantidade de vestidos e de sapatos novinhos. Qualquer coisa que se compre para alguma das meninas tem-se o cuidado de comprar também para ela. (Passos que se aproximam) Tem um gênio terrível essa menina. Às vezes eu chego a pensar que ela faz assim por maldade para que os vizinhos falem mal de nós. (Transição) Ah, chegue aqui, Luiza.
- Luiza - (de longe) Mamãe, eu... eu não sabia...
- Selma - Venha assim mesmo que o senhor Armando não poderá esperar o tempo que você entender. Você não se cuida, não se arruma, é um castigo. Pode ser que para o futuro você aprenda. (Passos que se aproximam) Será que o senhor poderá reconhecê-la? Ela é tão diferente quando anda na rua.

- Armando - É ela mesma, ~~xxxxxx~~ minha senhora. São os mesmos olhos profundos e sonhadoras e a mesma expressão de ternura e de ingenuidade. Lembra-se de mim, senhorita?
- Luiza - Mais ou menos... quer dizer... sei que a sua fisionomia não me é estranha.
- Armando - Lembra-se de um esbarrão muito forte que levou na rua, ha dois meses atrás
- Luiza - Ah, sim, agora estou me recordando. Foi bem em frente ao armazem do seu Luiz, Mamãe. Era o senhor, então?
- Armando - Eu, sim. E como na ocasião não pude pedir-lhe desculpas convenientemente, em vista da atrapalhão em que fiquei, tratei de conseguir o seu endereço...
- Selma - ~~xxxxxx~~ (interrompendo-o) Bem, Luiza, agora o senhor Armando já a identificou você vá lá para dentro que eu estou envergonhada com a sua toilette.
- Luiza - Sim, mamãe. Desculpe, com licença. (Passos que se afastam) *Toilette*
- Selma - O senhor não leve a mal o que eu fiz. Foi de propósito para que o senhor constataste com os seus próprios olhos o que lhe disse a respeito do relacionamento dela. É uma coisa incrível. Eu talvez não tenha o direito de me meter mas vejo que é um homem de bem e quero estar à vontade com a minha consciencia. Foi por isso que lhe disse a verdade.
- ~~Selma~~ Armando - Agradeço-lhe, senhora, a intenção, a verdade, porem, é que o amor é cego e nem o que acabei de ver ou o que a senhora me expoz conseguiram alterar as minhas disposições.
- Selma - Está muito bem. O meu dever está cumprido. E se as suas intenções continuarem as mesmas eu falarei depois com meu marido.
- Armando - Está muito bem, neste caso eu lhe peço a gentileza de me dizer quando poderá voltar para saber a resposta do senhor seu marido e entender-me mais convenientemente com Luiza.
- Selma - Pôde ser a semana que vem. Nesse intervalo talvez o senhor reflita melhor sobre o que viu e ouviu.
- Armando - Daqui a uma semana como daqui a um mez ou ~~xxxxxx~~ daqui a um ano a minha impressão ha de ser a mesma. Queira desculpar o aborrecimento que lhe causei com a minha visita e muito grato pelas gentilezas que me dispensou.
- (CORTINA MUSICAL)
- Filinto - Segundo ele proprio me contou, Selma fez o que ponde para desvanecê-lo mas nada conseguiu, o que vem provar que ele realmente te quer muito, minha filha.
- Luiza - Mas papai, eu não o amo. Eu mal o conheço. Duas vezes, apenas, o avistei e tão rapidamente.
- Filinto - Bem sei, mas os casamentos assim, muitas vezes, são os que melhor aprovam. Pelas informações que consegui obter ele é um ótimo rapaz e está em condições de dar-te tudo que mereces ter.
- Luiza - Sempre ouvi dizer que é horrível casar-se alguém sem amor.
- Filinto - Mas ele demonstra ter um ótimo coração e ha de conquistar-te em pouco tempo. Só pelo fato de ter escolhido a ti - uma menina pobre - quando poderia casar-se com qualquer moça da sociedade, já é uma garantia de que o conquistaste inteiramente e que ele ha de fazer tudo para te tornar feliz. Pensa que a vida se modificará completamente para ti, minha filha.
- Luiza - Bem, papai, se o senhor acha que eu não devo recusar...
- Filinto - Minha filha eu não quero, de maneira nenhuma, obrigar-te a casar. Só ficarei triste de perderes uma ocasião tão boa de melhorar de vida. Vais ter a tua casa, terás empregadas para o serviço, poderás ter bons vestidos, bonitos chapéus, enfim, poderás ter luxo e conforto em troca da miséria e do abandono em que vives aqui.

- Luiza - Tudo isto é realmente muito tentador e eu não teria nenhuma dúvida em aceitá-lo se pudesse ter a certeza que ~~maxx~~ depois viria a ~~maxx~~ gostar dele.
- Filinto - Responde com sinceridade uma coisa que te vou perguntar, minha filha: tu amas alguém?
- Luiza - Não, meu pai.
- Filinto - Então não há razão para nenhum temor. Ele te conquistará em menos de um mês.
- Luiza - Bem, se o senhor tem a certeza de que assim há de ser, pôde-lhe dizer que aceito.

(CORTINA MUSICAL)

(Batida de sino. Apito de trem)

- Luiza - Adeus, papai. Escreva seguido e vá visitar-nos logo que puder.
- Filinto - Hei de ir, meus filhos, hei de ir.
- Armando - A casa é sua e está inteiramente às ordens.
- Filinto - Muito obrigado, meu filho, muito obrigado. Sejam muito felizes.

(Ruído de um trem saindo da estação e depois vai se afastando aos poucos até desaparecer)

(CORTINA MUSICAL)

- Tectonio - Aqui estou, minha filha, para ouvir-te em nome de Deus e dentro das suas leis e dos seus princípios, aconselhar-te. Qual é o mal que te aflige?
- Luiza - É um mal antigo, Padre Tectonio. Um mal que eu penso que não tem mais cura e que já vem de longe.
- Tectonio - Fala, minha filha. Abre o teu coração.
- Luiza - Eu casei sem amor, Padre Tectonio, mas não me recrime antes de ouvir as circunstâncias que me arrastaram a um casamento nestas condições.
- Tectonio - Eu não estou aqui para reprimir-te, minha filha. Estou aqui para ouvir-te e ajudar-te se fôr da vontade do Pai amantíssimo.
- Luiza - Eu era maltratada em casa, pela minha madrasta e tendo aparecido um rapaz que mostrava querer-me muito, meu pai foi de opinião que eu o aceitasse para melhorar um pouco a minha vida. A princípio tive muito medo mas entusiasmada por meu pai e pelo conforto que o meu pretendente poderia me proporcionar, aceitei o seu pedido. Meu pai, como todos que me desejavam melhor sorte, não censuravam de dizer que o amor viria com a conviência. Há dois anos que estou casada, padre Tectonio, e o meu coração continua distante de meu marido como nos primeiros dias de ~~casada~~ *casada*.
- Tectonio - E ele é bom para ti, minha filha? Trata-te com carinho e respeito?
- Luiza - A princípio, sim. Era solícito, atencioso e procurava estar sempre a meu lado. Pouco a pouco, porém, foi se afastando, se tornando esquivo e nestes últimos tempos eu sinto perfeitamente que nada mais represento na sua vida. Apenas estamos juntos nas horas de refeição quando ele não resolve almoçar ou jantar com os amigos. E infelizmente tudo isto aconteceu quando eu começava, pelo esforço imenso que fazia, a sentir nascer em mim um afeto maior por ele.
- Tectonio - Quem sabe, filha, existe entre vocês, uma diversidade muito grande de temperamentos? Dize-me alguma coisa sobre ele. Quais são os seus gostos, as suas predileções, quais são os seus hábitos em fim?
- Luiza - Armando é alegre, vivaz e muito amigo dos ambientes onde há alegria e movimento. Gosta do club, da roda dos amigos, dos teatros, dos cinemas e não ser nos primeiros tempos quando eu constituía para ele uma grande novidade, não sabe estar em casa senão nas horas de refeição e à noite para dormir.



Teotônio - E tu, minha filha, quais as tuas predileções?

Luiza - Eu, ao ~~contrário~~ contrário, padre Teotônio, sou amiga do lar, gosto de cuidar do meu jardim, dos arranjos da casa, dar alpiste aos canários e nas horas vagas sentar-me junto ao rádio costurando as meias dele.

Teotônio - E ele nunca insistiu para que o acompanhasses ao club e para que frequentasses a roda dos seus amigos?

Luiza - A principio, sim e eu cheguei mesmo, algumas vezes, a fazer-lhe a vontade. Mas eram criaturas de maneiras tão diferentes e tão pouco simpáticas que acabei por dizer sinceramente a Armando que elas não me agradavam e ele deixou de insistir para que eu o acompanhasse.

Teotônio - Aí está o teu grande erro, minha filha. Aí está o ponto de partida do afastamento existente entre tu e o teu marido. A mulher, quando casa, minha filha, passa a viver muito mais a vida do marido do que a sua própria. Não deve, jamais, recusar um convite que o marido lhe faça e muito menos mostrar desagrado pelas suas predileções e principalmente pelos seus amigos. Ainda que essas predileções e esses amigos lhe desagradem, o dever da mulher é esforçar-se, pelo menos, para os tolerar. Nunca deverias ter deixado de acompanhar teu esposo, principalmente se ele próprio insistia para que o fizesses. Deverias ter procurado ambientar-te ao seu modo de vida, aos seus amigos, fazer tuas também as suas predileções. Hoje estarias muito mais unida a ele e quem sabe, até, gostando muito mais do que ele de tudo isto. Tu não soubeste conservar a sua amizade e tu mesma, sem querer, o afastaste.

Luiza - E agora, padre Teotônio, o que devo fazer? Aconselhe-me, por favor. Eu estou completamente desorientada.

Teotônio - Sim, filha, eu desejo ajudar-te e te direi o que me parece melhor fazer. Antes, porém, quero fazer-te mais uma pergunta: existiu ou existe ainda em tua vida uma outra pessoa além do teu marido?

Luiza - Não, Padre Teotônio, isto não. Juro-lhe que fui e continuo a ser digna do seu nome.

Teotônio - Pois então a tarefa é muito mais simples. Terás que sustentar apenas uma luta que será a de procurar reconquistá-lo.

Luiza - E para isto o que me aconselha fazer?

Teotônio - Procurar tomar parte ativa na vida dele. Não ser, unicamente, a mulher que, em casa, serve-lhe a comida à mesa e cose-lhe as meias furadas. Mostrar ou mesmo fingir interesse pelos seus negócios. Acompanhá-lo sempre ao club, às festas e aos cinemas, mostrando alegria e bom humor. Receber com um sorriso amavel os amigos dele, sem criar embaraços a qualquer programa que deliberem fazer. Tornar-se, enfim, além da esposa, uma companhreira indispensavel de todas as horas. Se proceder desta forma verá como em pouco a sua vida estará completamente transformada. E se, de todo, o que lhe aconselho não for ainda suficiente para uní-los e fatá-los amigos, existe ainda um recurso que em muitos casos, iguais ao seu, tem anxi apresentado esplendidos resultados.

Luiza - E esse recurso qual é, Padre Teotônio?

Teotônio - Um filho.

Luiza - Sim, tem razão, Padre Teotônio... talvez que um filho...

Teotônio - Um filho é sempre um traço de união entre o marido e a esposa. E nos casos como o seu tem sido sempre o ponto de aproximação de duas almas distantes! E agora vá, minha filha. E conserve inalteravel a sua fé porque o bom Deus não desampara aqueles que nele confiam...

(CORTINA MUSICAL)

Odete - Não, não, não, nada disto. Ora então não querem ver? Vir para o club e sentar-se a um canto, tristonno e macabário. Ora, ora, Armando, francamente. Deixe as tristezas de lado e venha acompanhar-me numa partida de tenis.

- Armando - Não, Odete, eu não estou nada disposto a exercícios fatigantes, hoje. Procure outro parceiro.
- Odete - O que é isto, Armando? Você está me decepcionando. Então você ~~não~~ já não sente prazer na minha companhia?
- Armando - Muito. MUITÍSSIMO, Odete, e você não tem o direito de duvidar do que es tou lhe dizendo.
- Odete - E como tem, então, a coragem de me dizer que procure outro parceiro?
- Armando - Eu já expliquei a você que estou muito fatigado hoje. Se você quizesse permanecer aqui a me fazer companhia eu não desejaria nada mais.
- Odete - Pois bem, se assim é realmente, eu não terei nenhuma dúvida em ficar. Mas você não continuará de testa franzida porque eu tenho horror dos ho mens mal encarados. E você de uns tempos para cá, Armando, anda verdadei ramente insuportável. que é de seu riso franco, da sua maneira alegre e jovial?
- Armando - Não sei, Odete. Essa mesma pergunta é que faço muitas vezes a mim próprio.
- Odete - Mas ninguém muda do dia para a noite sem ter um motivo justificado. O que se passa com você, Armando?
- Armando - Não sei, já lhe disse, Odete. Talvez seja a assiduidade do Murilo junto a você que me incomoda.
- Odete - Ciúmes!?... (gargalhadas) Óra, Armando, francamente! Você deu para ciu mento agora? (Gargalhadas) Mas que tolice, meu Deus!... Imaginem só! Ciúmes do Murilo!... (gargalhadas) Só rindo, Armando. Só rindo muito! (gargalhadas)
- Armando - O que tem de tão engraçado que eu sinta ciúmes do Murilo? Não é um homem como os outros?
- Odete - É que mal tem que o Murilo me procure? Não sou uma mulher igual às outras. Sou solteira ~~tenho~~ ~~todo~~ todo o direito de ter os meus adoradores. (Fau sa) O que diria você se eu, de repente, desse para sentir ciúmes de sua esposa?
- Armando - Você sabe perfeitamente que eu não a amo.
- Odete - E eu também não lhe disse que amo o Murilo. Unicamente o trato bem porque não tenho razão nenhuma para maltratá-lo.
- Armando - Prefere que seja eu o maltratado. E no entanto bem sabe que a quero deses peradamente.
- Odete - Não parece.
- Armando - Você tem a coragem de dizer uma coisa dessas, Odete?
- Odete - Claro que tenho. O que fez você até agora para dar-me uma prova de que a sua afeição é realmente aquilo que você constantemente afirma? O que fez você? Responda?
- Armando - Mas o que desejava você que eu fizesse? Você bem sabe que estou de pés e mãos atados. Sou casado.
- Odete - É o que tem isso de mais? Não seria o primeiro nem o último que havia de se desquitarem. Você nem filhos possui para justificar qualquer escrúpulo. Você então não vê que sou moça, não compreende que <sup>isso</sup> me basta saber que vo cê me ama?
- Armando - Se eu me desquitasse você concordaria em casar-se comigo fóra daqui?
- Odete - E por que não? Já se foi o tempo em que isso era feio e ninguém admitia. Hoje é coisa comum que todos aceitam. E realmente não me parece que possa haver motivo para ser diferente.
- Armando - E a sua família estaria de acordo com esse casamento?
- Odete - Teria que estar. E se não estivesse pouco adiantaria porque sou maior e sei bem o que quero.

Armando - Pois bem, Odete, vou então começar a pensar na melhor maneira de induzir minha mulher a conceder-me a liberdade.

Odete - Perfeitamente. E agora que já nos entendemos aceita ser meu parceiro para um partidinha de tenis?

Armando - Feiticeira! Quem poderá negar-lhe alguma coisa. (Ela ri) Vamos.

(CORTINA MUSICAL)

Teotonio - E então, minha filha? Parece-me agora um pouco mais animada?

Luiza - Animada propriamente não, meu bom padre. Um pouco mais confortada pelas esperanças que o senhor me deu a última vez que conversamos.

Teotonio - Quem espera sempre avança, filha. Continue a esperar que o sol da felicidade ha de brilhar, radioso, um dia, sobre a sua cabeça.

Luiza - Bem que eu necessitava do calor desse sol, padre Teotonio. Ha tanto frio em minh'alma!...

Teotonio - Tem acompanhado seu marido, conforme lhe aconselhei?

Luiza - Tenho feito todo o empenho mas ainda não foi possivel. Ele tem sempre uma desculpa qualquer para evitar de levar-me em sua companhia. Era justamente a propósito disto que eu vinha mais uma vez aconselhar-me com o senhor. Parece-lhe que devo insistir mesmo contra a vontade dele?

Teotonio - Não sei, filha, não sei... eu não contava com este contratempo. (Pausa) Em todo o caso experimente insistir uma vez e depois me diga o resultado.

(CORTINA MUSICAL)

Armando - O que faz você, Odete? Hoje é você que se esconde pelos cantos?

Odete - Naturalmente. Espero-o toda uma tarde e você ~~na~~ por fim me aparece com ela?

Armando - Foi impossivel evitar, Odete. Crê que fiz tudo que era possivel para ~~axi~~ que ela não me acompanhasse.

Odete - Era mil vezes preferivel que ficassem os dois em casa.

Armando - Ela me pegou completamente de surpresa, minha querida. Na hora de sair do escritório para cá ela se apresentou para vir junto comigo.

Luiza - (longe) Oh Armando, você me deixou sózinha no bar e não voltava mais. (aproximando-se) Pensei que tivesse fugido e vinha procurá-lo.

Armando - Estava aqui conversando com a senhorita Odete a quem aproveito a ocasião para apresentar a você. Foi a minha professora de ténis.

Luiza - Ah, muito prazer em conhecê-la.

Odete - Obrigada.

Luiza - Sabe que ~~xxxxxx~~ aprecio bastante o ténis e também gostaria de aprender?

~~Armando~~ - Seu marido, agora, já pôde dar lições a qualquer um.

Uma voz - (de longe) Seu Armando, do escritório querem falar com o senhor no telefone.

Armando - (Para longe) Pois não, eu já vou. (perto) Quer vir também?

Luiza - Obrigada. Prefiro esperá-lo em companhia da senhorita Odete. Simpatizei muito com ela.

Armando - Com licença, então. (Passos que se afastam)

Luiza - Não quer sentar-se?

Odete - Obrigada. Estou bem de pé.



Odete - O que achas da minha toilette, Maria?

Maria - Uma beleza, dona Odete. Eu acho que ele vai ficar pelo beicinho.

Odete - E agora o jantar? Está tudo preparado? Não falta nada?

Maria - Nada, dona Odete. A mesa está posta, o vinho está gelando, o aperitivo também e a cozinheira disse, agora mesmo, que ~~está~~ estava tudo pronto.

Odete - E já sabes, hein? Nem uma palavra à mãe quando ela voltar.

Maria - Não tenha receio, dona Odete. Por mim não é necessário a senhora fazer nenhuma recomendação. Se dona Catarina souber de qualquer coisa pela minha boca não há de ser. Eu sou muito discreta.

Odete - E não esqueceste as minhas recomendações?

Maria - Não senhora. Só aparece quando for chamada. Eu tenho boa memória. Não é preciso que me digam as coisas mais de uma vez. (Campainha da rua) Oh, deve ser ele. *de lá etc.*

Odete - Vai abrir depressa, Maria. Não o faças esperar.

Maria - A senhora vai recebê-lo aqui mesmo na saleta?

Odete - Sim, mas anda depressa, pelo amor de Deus. (Passos que se afastam) Hoje hei de procurar empregar todo o meu jogo de sedução para prendê-lo definitivamente. Começa a aborrecer-me demais essa espera. Afinal o tempo vai passando e os homens, principalmente, mudam de ideia com muita facilidade. Enquanto as coisas permanecerem paradas estou perdendo terreno. E agora, depois que já todos murmuram da nossa amizade, não seria muito fácil para mim arranjar um outro casamento. (Passos que se aproximam) Ele foi bem pontual. Felizmente eu me aprontei mais cedo... (transição) Mas como?!... É a senhora?

Luiza - Eu, sim, e ao passar pela sala de jantar vi que a senhora não me esperava porque vi só dois lugares à mesa.

Odete - É claro que não podia esperá-la. Não foi à senhora que eu convidei para jantar.

Luiza - Mas Armando me disse que a senhora havia insistido em que ele me trouxesse.

Odete - Mentiu. O meu convite foi feito a ele unicamente, mas já que aqui está fique mais um pouco para conversarmos sobre um assunto de grande interesse tanto para mim como para a senhora. Retire-se, Maria.

Maria - Sim senhora. Com licença. (Passos que se afastam)

Odete - Não desejo que a senhora permaneça aqui por muito tempo e por isto serei muito franca e concisa. Sabe que eu e seu marido nos amamos e que pensamos em nos casar?

Luiza - (atônita) Como?!... Parece-me que não ouvi bem o que a senhora disse.

Odete - Eu não terei o menor fastio em repetir. Eu e Armando amamo-nos sinceramente e esperamos apenas que a senhora desapareça do meio de nós para realizarmos o nosso casamento.

Luiza - Mas não é possível.

Odete - Por que não é possível? Para que existe o desquite?

Luiza - Mas justamente agora quando vai nascer o nosso filho e quando eu mais necessitava dele? Não. Eu não creio que a senhora tenha a coragem de persistir nessa ideia sabendo que vou ser mãe.

Odete - É um assunto que não me interessa. Eu não tenho culpa que a senhora não tenha sabido conservar o amor do seu marido. Hoje é a mim que ele o dedica e eu não o desprezarei por preço algum. E agora que já sabe de tudo tenha a bondade de retirar-se que eu preciso estar só. (Passos que se afastam)

- Armando - (violento) Se eu te disse que não ia ao jantar tu não tinhas nada que te meter lá.
- Luiza - Telefonei para o escritório, disseram-me que havias ido para lá. Tu havias prometido me levar, se fosses... eu estava pronta... pensei que talvez houvesse esquecido de passar aqui...
- Armando - Foste buscar lá e saíste tosquiada. Não tinhas nenhuma necessidade de ouvir o que ouviste se tivesses ficado quieta em teu canto.
- Luiza - Ela te contou?
- Armando - É claro. E que historia de filho é que foste inventar lá?
- Luiza - Inventar, Armando? Eu não inventei coisa nenhuma. Eu disse unicamente o que é verdade.
- Armando - Hein? Então isso é mesmo verdade?
- Luiza - É verdade, sim, Armando. E só depois de o sentir comigo é que aprendi a querer-te verdadeiramente.
- Armando - Pois vai-te para o inferno com o teu filho e o teu bem querer. Não desejo nada de ti. Entendeste? Nada. Absolutamente nada.
- Luiza - (chorosa) Está bem, Armando. Já sei. Ela já havia me dito que o teu amor lhe pertencia. Sê feliz com ela.

(CORTINA MUSICAL)

- Luiza - (chorosa)... e quando aprendi a querê-lo, ele me desprezou.
- Teotónio - Minha pobre filha!... Que pena eu sinto de ti!... (Pausa) E agora? O que pensas fazer?
- Luiza - Fugir para qualquer canto, desde que nunca mais o aviste e consiga esquecer.
- Teotónio - Pois bem, minha filha, vou procurar um lugar socegado onde possas aguardar a chegada de teu filho que ha de ser o sol que então te aquecerá!...

(CORTINA MUSICAL)

- Pedro - Eu desejaria sinceramente atender o pedido do Padre Teotónio e conservá-la aqui connosco, entretanto a única vaga que temos, de momento, no Educandário, é a de lavadeira. Esta, naturalmente, a senhora não pensaria em ocupar.
- Luiza - É por que não, meu caro irmão? Eu não estou em situação de poder escolher este ou aquele lugar. Aceito qualquer um.
- Pedro - Bem, sendo assim... se quizer o lugar é seu.

(CORTINA MUSICAL)

- Armando - Enfim, parece que vou começar a viver novamente.
- Odete - Parece que vamos começar a viver porque também eu, até agora, ainda não tinha vivido.
- Armando - E serás sempre carinhosa para o teu maridinho?
- Odete - Acredito que sim. Tudo dependerá muito de você.
- Armando - Aqui tens uma lembrança comemorativa deste dia inesquecível para mim. Uma medalha de prata circundada de diamantes.
- Odete - Que amor, Armando!... (lendo) "Lembrança do nosso primeiro dia de verdadeira felicidade" É a imagem de São Paulo. Por que escolheste justamente este santo?
- Armando - Porque hoje é o dia dele!

(CORTINA MUSICAL)

Pedro - E então, como se sente, minha filha?

Luiza - Agora estou bem, felizmente, meu bom irmão Pedro. E a criança?

Pedro - Dorme como um anjo do senhor. Inteiramente tranquilo. É um menino forte e bonito.

Luiza - Um menino. Justamente o que eu havia desejado. Deus me ajudou.

Pedro - E já escolheu o nome para o seu filho?

Luiza - Ainda não, irmão Pedro.

Pedro - Pois então vamos batizá-lo com o nome de Paulo, por ter nascido justamente no dia desse grande apóstolo.

(CORTINA MUSICAL)

Armando - Sabes que dia é hoje?

Odete - Cres que eu seria capaz de esquecê-lo? Fazem seis anos que conheci a verdadeira felicidade e a devo a ti, unicamente, meu querido.

Armando - Seis anos de paz e de felicidade ao lado da minha feiticeira. (Dois beijos)

Odete - Como a vida é boa e que coisa esplendida é a felicidade!...

(CORTINA MUSICAL)

Luiza - Mandou chamar-me, irmão Pedro?

Pedro - Sim, minha filha. Quero comunicar-te que de amanhã em diante teu filho começará a cursar este educandário, como aluno gratuito. Ele precisa começar a preparar-se para a vida. Aqui tens a sua matrícula assinada por mim, como um presente que lhe faço no seu sexto aniversário.

Luiza - Obrigada, irmão Pedro, muito obrigada. Eu nem sei como poderei pagar-lhe o que tem feito por nós.

Pedro - Reze a Deus para que me conceda sempre força, coragem e fé. Sua prece será a moeda mais valiosa com que me poderia pagar.

(CORTINA MUSICAL)

Armando - Dez anos de felicidade. Continuas satisfeita comigo?

Odete - Sim, meu amor. Muito satisfeita. Tu és o melhor dos maridos.

Armando - És tu a mais ideal das esposas. Desejas alguma coisa? Diz. Quero que tenhas tudo, tudo quanto desejares.

Odete - A única coisa que eu desejaria, Armando, não depende de ti, nem de mim. Depende de qualquer força superior à ~~minha vontade~~ nossa vontade e se em dez anos de casados essa força não atuou sobre nós, não tenho mais esperança alguma de realizar o meu desejo.

Armando - Um filho?

Odete - Sim. Com ele o céu da nossa felicidade não teria nenhuma sombra!...

(CORTINA MUSICAL)

Luiza - O que tens, meu filho? Pareces tão abatido, tão tristonho justamente quando deverias estar contentíssimo com o resultado dos teus exames? (Pausa) Fala. Diz para a mãezinha o que se passa contigo.

Paulo - (Sangado) Nada, mamãe. Não tenho nada.

Luiza - Vês? Nem és mais o mesmo na maneira de falares com a mãe. Diz o que te aflige, meu querido. Bem sabes que se depender da mãezinha, ela tudo fará para te ver feliz e satisfeito.

- Paulo - Não, mamãe, é melhor não dizer.
- Luiza - Vais dizer, sim. A mamãe faz questão de saber.
- Paulo - Ah fazes questão? Pois então fica sabendo que é por tua causa mesmo que eu do assim.
- Luiza - Por minha causa, meu querido? Mas o que te fez a mãesinha?
- Paulo - Todos fazem troça de mim e recusam a minha companhia porque dizem que sou filho da lavadeira do colégio.
- Luiza - (após uma pausa longa) Meu filho... a mamãe acabou de te dizer que faria tudo pela tua alegria e pela tua felicidade... se quizeres... se quizeres ir para outro colégio... onde ninguém te conheça... onde ninguém saiba que és filho de uma lavadeira... a mamãe fará um sacrifício, mas arranjará isto. Somente... terás que viver separado dela. (Pausa) Preferes assim?
- Paulo - Prefiro.
- Luiza - (engasgada, esforçando-se por não chorar) Está bem, meu filho... amanhã mesmo a mamãe falará com o irmão Pedro e ha de dar um jeito nisto.

(CORTINA MUSICAL)

- Odete - Mas ainda não morreu essa criatura? Doze anos depois de desquitada ainda aparece para nos aborrecer? O que queria ela?
- Armando - Foi se empenhar comigo para que eu tomasse a meu cargo a educação do menino.
- Odete - E o que lhe respondeste?
- Armando - A única coisa que poderia responder, naturalmente: que iria consultar-te primeiro. Quem resolve és tu, querida.
- Odete - (após uma pausa) E não te parece que isso pôde ser um artil para se aproximar da nossa casa?
- Armando - Digo-te com sinceridade que não me pareceu. Segundo deduzi das suas palavras, o menino parece que se envergonha do fato dela ser uma empregada do colégio. Ele agora já está com doze anos já começa a compreender essas coisas.
- Odete - (após uma pausa) Pois bem, façamos o seguinte: tu lhe dirás que nós nos encarregaremos de educar o menino mas que sob pretexto algum ela virá à nossa casa procurá-lo.

(CORTINA MUSICAL)

- Odete - (chamando) Paulo, oh Paulo, venha cá que eu tenho uma coisa para lhe mostrar. (Passos que se aproximam)
- Paulo - (homem) Pronto, dona Odete, estou aqui. O que é que ha?
- Odete - Dona Odete, não é? Dona Odete! Será possível que depois de nove anos de carinhosa dedicação eu ainda não mereça que você me chame de outro modo?
- Paulo - (rindo) Mãesinha! Mãesinha! Não fique magoada comigo. Eu quiz brincar com você. Mas o que foi que houve? Por que me chamou?
- Odete - Ouça: (Lendo) "Armando Soares Bardel e ~~Mrs~~ Senhora, convidam a V. Excia e Exma. Família para o baile de formatura de seu filho Paulo que farão realizar em a noite de 29 do corrente no Club Comercial. Traje a rigor." E não? Que tal?
- Paulo - Ótimo. Ótimo, mãesinha.
- Odete - E você vai ver que festa vamos fazer. Uma festa de marcar época na sociedade elegante.

(CORTINA MUSICAL)

- Paulo - (tom de discurso) Senhores jurados: atente bem para o que vou dizer em essa da rã, antes de abandonar esta tribuna. Ela matou, é verdade, mas quem? A mulher que não satisfeita de lhe roubar o marido, e alguns anos



atrás, ainda buscava arrebatá-lo e o filho pelo qual ela derramara lágrimas de sangue. O filho que era o seu único arrimo e o último raio de luz do ocaso da sua vida... (Pausa) Ela que, pela mesma mulher, já fôra tão profundamente ferida no seu amor próprio, não podia tolerar passivamente de ser apunhalada no seu mais autêntico direito!... (Pausa) Ela o carregara nas suas entranhas, arrastara pacientemente a via crucis do seu destino, sózinha e abandonada, derramando suor e sangue, buscando mais e melhor para o fruto dos seus amores, e ao fim da tortuosa jornada a mesma mão traiçoeira que um dia lhe roubára o companheiro de existência, extendia-se insaciável, para roubar também a única coisa que lhe restara do seu passado feliz. Era demais, senhores jurados. Exgotára-se o cálice da paciência ao mesmo tempo que o da amargura extravasava. A mão traiçoeira feria, pela segunda vez, diretamente o coração da vítima. Da vítima, sim, senhores jurados, porque a vítima foi ela e não a outra que tomou. (Pausa) Senhores jurados: antes de pronunciardes o vosso veredicto olhai bem para essa pobre mulher e levai na retina dos vossos olhos essa expressão cansada de sofrimento e esses cabelos prematuramente embranquecidos pelo vendaval medonho da desgraça. E pelas suas dores, pelos seus gemidos, pelas lágrimas que tem vertido através de toda a sua vida e pelo seu passado de luta e de honestidade, eu vos peço a absolvição da ré. (Muitas palmas e gritaria)

(CORTINA MUSICAL)

Luiza - (velha) Que vontade de abraçá-lo.

Teotonio - (velho) Vá, minha filha, vá.

Luiza - Não tenho coragem. Eu prometi ao pai que nunca mais me aproximaria dele. E tenho receio, também, que o meu próprio filho se desagrade do meu gesto, Padre Teotonio.

Teotonio - Talvez que ele nem mais a conheça. <sup>Faz tantos anos!</sup> São tantos os que lá estão a felicitá-lo. A senhora, pelo menos, terá tido a satisfação de abraçá-lo, embora ele não saiba que é a sua própria mãe. Olhe, vá depressa. Aproveite agora que as atenções estão voltadas para a ré que se retira, depois de o ter abraçado também. Vá, minha filha, vá.

Luiza - Vou, sim. Talvez que nunca mais eu tenha outra oportunidade igual a esta. Dai-me coragem, meu Deus.

(CORTINA MUSICAL)

(Ruído de muitas vozes. Ouve-se exclamações como estas: "Que brilhante estréia!" "Que advogado formidável vai ser esse rapaz" "Exatidão extraordinária repare!" "Também os seus olhos são extraordinários" "Parabéns, doutor, meus Parabéns")

Uma voz - O pai está radiante, repare. (Edreia)

Outra - E a mãe também. A mãe está que não cabe em si de contente. (Mina)

Uma voz - Não é mãe, é madrasta.

Outra - Ah é madrasta? Eu não sabia. (Os ruídos de vozes de felicitações e de agradecimentos continuam)

Luiza - (velha, nervosa) Com licença, sim? Deixe-me passar. Eu também quero abraçá-lo. Com licença, com licença.

Uma voz - A senhora espere um momento. Eu estou primeiro, depois a senhora abraça. (transição) Doutor Paulo, permita que eu lhe dê um abraço pela sua brilhante estréia. (Ela agradece) E ao senhor também, seu Armando, meus sinceros parabéns. (Ela agradece)

Paulo - Olhe aqui, não esqueça a mãe. Faça questão que a felicite também.

Uma voz - Oh, desculpe, sim? Não foi por mal.

Edete - Não, não, não tem importância. Isso é muito natural que aconteça nesta confusão. O meu filho é que faz questão que eu não seja esquecida.

Uma voz - Faz muito bem, é isto mesmo.

Paulo - Nem poderia ser de outra forma. Seria uma enorme ingratidão da minha parte. Tudo o que sou devo a ti, mãesinha.

Odete - Meu filho querido! Não é tanto, assim. Tu exageras.

Uma voz - Bem, com licença que os outros também querem felicita-lo. Pronto agora a senhora... ué! Agora que era a vez dela ela vai embôra?

Outra - Eu acho que ela se incomodou porque você não deixou ela passar na frente.

Uma voz - Ora já se via? Está bom melhor pra ela.

(CORTINA MUSICAL)

Teotonio- Porque não o abraçou depois de ter estado junto dele, minha filha? (Pausa) Faltou-lhe a coragem?

Luiza - Faltou-me a coragem, sim, Padre Teotonio, mas não de abraçá-lo. (chorosa) De continuar a ouvir meu filho dar à outra o nome que era meu. (Chorando) Até isto, padre Teotonio. Até isto ela me roubou.

Teotonio- Vamos, minha fila. Não quero que chore. Quero que continues a ser valorosa como o tem sido até agora. Deus, um dia, ha de se compadecer de ti.

Luiza - Deus me esqueceu totalmente, ~~minha filha~~ Padre Teotonio!...

Teotonio- Não digas isto, minha filha. Deus nunca se esquece de nós. Nós é que às vezes nos esquecemos dele.

Luiza - Lembra-se quando uma vez me disse que o sol havia de surgir um dia para aquecer o frio de minh'alma?

Teotonio- Sim.

Luiza - Pois esse dia chegou e o sol surgiu realmente. Mas a minh'alma continuou gelada. Nem o sol me aqueceu!...

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAIXANDO, DEPOIS, PARA PALAR O)

SPEAKER: - Ouviram "NEM O SOL ME AQUECEU" mais um trabalho de Roberto Lis. ~~que tem, desta vez, a colaboração de sua esposa e quem o argumento pertence.~~ O Grande Teatro Difusora é uma oferta da Pantaco S.A. Industria e Comercio aos seus amigos e favorecedores. Na proxima terça feira, a estas mesmas horas, Roberto Lis e seus artistas apresentarão "LÁGRIMAS DE SANGUE".

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO PROGRAMA)